agrícola

Poupança verde

É assim que o eucalipto é considerado, dada a boa perspectiva de renda. Principalmente em Minas, onde lei exige fim do corte de mata nativa. Págs. 6 e 7

L. ADOLFO/AE

O ESTADO DE S. PAULO | 9 A 15 DE NOVEMBRO DE 2011 ANO 57 – Nº 29922

CMYK
G6-G7 -
EST_SUPL1 - AGRICOLA - 6 - 09/11/11

Minas corre contra o tempo e planta eucalipto

Até 2018 o maior Estado consumidor de madeira do País só poderá retirar 5% da matéria-prima de florestas nativas

Tânia Rabello

Em até seis anos, Minas Gerais, o maior Estado produtor e consumidor de madeira do País, com cerca de 18 milhões de metros cúbicos por ano, terá que cumprir uma lei estadual que obriga ao uso de praticamente 100% de madeira de árvores plantadas. Madeira de floresta nativa deverá compor só 5% da demanda até 2018, reza a Lei 14.309, de 2002. E, desde 2010, todo usuário de madeira – das siderúrgicas ao dono do disque-pizza – deve comprovar a origem da matéria-prima. Grande desafio para um Estado que tem 50% de sua matriz energética calcada em lenha e derivados, ante 25% do País, e que importara 30% de seu consumo, diz a Associação Mineira de Silvicultura (AMS).

Atualmente, a relação entre demanda e oferta de madeira em Minas está relativamente equilibrada por causa da crise econômica mundial. Entretanto, há preocupação quanto à capacidade de o Estado se abastecer quando a crise passar. "Se a economia lá fora estivesse nos eixos, já teríamos, hoje, um déficit de 50% de florestas plantadas", diz o diretor-superintendente da AMS, Antônio Tarcizo de Andrade e Silva. "Hoje Minas tem 1,4 milhão de hectares de eucalipto e 136 mil hectares de pinus", diz. "Seria preciso até 2018 plantar 200 mil hectares/ano, mas cultivamos 120 mil a 130 mil hectares/ano."

A demanda à qual o representante da AMS se refere diz respeito sobretudo à necessidade de carvão para o polo siderúrgico. Dos 130 mil hectares de florestas plantadas em 2010, 43.960 hectares, ou 34%, viraram carvão vegetal para fabricação de ferro gusa, cuja composição é 50% de carvão e 50% de minério de ferro. Para gerar energia, o Estado utiliza em média 70% de suas florestas plantadas. Sem contar o uso para outros fins, como papel e celulose.

Poupança verde. Numa situação dessas, o termo "poupança verde" se encaixa perfeitamente à iniciativa de agricultores que decidiram investir no eucalipto. Com previsão de demanda aquecida e crescente, eles apostam nesta árvore, mesmo que a primeira colheita ocorra em seis ou sete anos. "É uma poupança em pé", confirma o produtor rural Leonardo Resende, de Coronel Pacheco (MG), que planta eucalipto há sete anos, tanto para geração de energia quanto para serraria. "Queria algo que desse maior rentabilidade por hectare, e o eucalipto dá retorno de 20% a 30% ao ano, ante 6% da pecuária", diz. "É um negócio estável, que não depende de variações anuais de preço e com perspectiva de alta por várias décadas, já que toda a legislação ambiental joga para isso."

Em Uberaba, no Triângulo Mineiro, o eucalipto avança até sobre áreas de cana, que já havia avançado há dez anos sobre pastos. A fusão, em 2009, entre a Satipel e a Duratex, ambas fabricantes de placas e painéis de madeira, tem provocado alterações na paisagem. Atualmente, diz o gerente executivo da Unidade Minas da Duratex, Heuzer Saraiva Guimarães, a empresa cultiva 45 mil hectares de eucalipto no Triângulo. A política da empresa, porém, é focada no arrendamento de terra em vez do regime de parceria, em que a empresa entra com mudas, assistência técnica e colheita e o produtor, com a terra. "É importante ressaltar que a Duratex utiliza, nos arrendamentos, o mesmo sistema de gestão socioambiental das áreas próprias", diz.

O fato é que, no meio do pasto, entremeando áreas de cana e lavouras de grãos, já despontam na paisagem do Triângulo, cada vez mais, os eucaliptos. Mas desta vez o velho conceito de instalar a cultura em terra ruim e declivosa tem sido revisto. "Eucalipto é uma lavoura; tem de adubar, controlar pragas e monitorar focos de incêndio", diz o produtor Luís Felipe Leite Sabino de Oliveira, que plantou 35 hectares de eucaliptos clonados, "muito mais produtivos e fáceis de manejar do que os provenientes de sementes", diz. "O eucalipto comum produz 35 metros cúbicos por hectare/ano. O clonado resulta em 90 metros cúbicos hectare."

Oliveira optou pelo plantio próprio, sem contrato. "Assim vendo para quem pagar melhor." No primeiro plantio, feito em junho, as plantas já alcançam a marca de quase 2 metros de altura. A expectativa de lucro é excelente, garante. No plantio adensado, em que se instalam 2.400 plantas por hectare, após dois anos desbasta-se metade das plantas. Cada planta deve render 7 metros cúbicos, que, multiplicados por 1.200 plantas desbastadas por hectare, resultam em 8.400 metros cúbicos.

"Vendendo o metro cúbico por R$ 1, cada hectare renderá R$ 8.400 logo no segundo ano. E este valor já paga o custo inicial de produção, além do custo de colocar a madeira no mercado, num total de R$ 1.500 por hectare, resultando em lucro de R$ 6.900", diz. "Se eu descontar daí o crédito rural – R$ 107 mil para os 35 hectares, com 5 anos de carência e pagamento em 2 parcelas, no sexto e no sétimo anos, com juros de 6,75% ao ano –, ainda me sobram cerca de R$ 2.500 de lucro por hectare no segundo ano", festeja. "E cinco anos depois corto o restante, com toras que devem render R$ 25 mil por hectare."

Dois cortes. Oliveira diz que é possível fazer dois cortes na mesma planta. "Após o primeiro corte, a planta rebrota e sete anos depois corto de novo", diz ele, acrescentando que o trabalho inicial, com o plantio, adubação e controle de formigas é o principal. "Com os clones nem o desbaste de galhos é necessário; eles caem sozinhos. E os tocos que sobram na área são eliminados com produtos que desintegram a madeira, reincorporada ao solo ao longo dos anos."

Outro produtor que apostou no eucalipto em Uberaba foi Rodrigo Piau. Em 50 hectares – "Uma área pequena para cana ou grãos", diz – instalou o eucaliptal. Com mudas clonadas, cultivadas há cinco anos, fez duas formas de plantio: adensado, com 1.100 árvores por hectare, e não adensado, com 350 árvores/hectare. "Ano que vem já faço o primeiro corte", diz. "O eucalipto é uma opção, mas em áreas mecanizáveis, onde se pode plantar cana ou grãos, não vale a pena por eucalipto." Para ele, qualquer que seja a atividade o produtor deve se profissionalizar e elevar a produtividade. "Já não há só pasto por aqui. O cenário diversificou-se com grãos, cana, seringueira e eucalipto, entre outras lavouras."

Diversificação, aliás, é a palavra de ordem na propriedade arrendada pelo zootecnista Augusto Landim de Macedo Júnior. Em 350 hectares – sendo 70 hectares de mata nativa –, Landim mantém 250 cabeças de gado leiteiro puro e meio-sangue, das raças guzerá, gir, guzolando e girolando. Além do leite, vende animais, planta capim para feno e, no meio dele, eucalipto. "Planto eucalipto há 12 anos, na média de 4 a 5 hectares/ano", diz Macedo Jr., cujo último plantio fez no mês passado, em 15 hectares. "Quando preciso de dinheiro, vou lá e corto. Há dois anos, cortei 1 hectare e lucrei R$ 15 mil", explica. "O principal combustível da região é a lenha, por isso optei pelo eucalipto." Mesmo assim, ele deixa algumas árvores engrossarem para vender como vigotas para construção civil. "O retorno demora, mas é líquido e certo."

Emater MG doa mudas para consorciação

● A Emater de Minas tem contribuído também para a disseminação do eucalipto, doando mudas em parceria com o Instituto Estadual de Florestas (IEF). "São ideais para pequenos produtores interessados em utilizar madeira no próprio sítio e vender a sobra para lenha", diz o engenheiro agrônomo da Emater em Uberaba, Wilson Marajó.
A doação ocorre num programa de consorciação entre pasto, lavoura e eucalipto. "Planta-se uma fileira de eucalipto a cada 10 metros. Entre essas linhas, planta-se milho." No primeiro ano o milho é colhido. No segundo ano, planta-se milho novamente e, 30 dias depois, semeia-se o pasto na mesma área.
"Depois que o milho é colhido, já se tem um pasto bem desenvolvido que pode receber animais novos – que não têm porte para prejudicar o eucalipto." Deve-se plantar as fileiras de eucalipto no sentido leste-oeste, para a sombra não incidir sobre lavoura e pasto. "No sétimo ano, colhe-se o eucalipto." / T. R.

● **Diversificar**

RODRIGO PIAU
AGRÔNOMO

"O eucalipto é uma boa opção para pequenas áreas. Em áreas mecanizáveis, boa para cana ou grãos, não vale a pena instalar floresta de eucalipto."

● **Dependência da madeira**

995,1 mil hectares era a área de eucalipto em MG em 2003, em 395 municípios

1,26 milhão de ha era a área de 2009 em MG em 546 municípios

48,9% da matriz energética de Minas Gerais é originária da lenha e derivados

65,4% da matriz energética do País vem da cana e hidráulica

Mudança na paisagem. Eucalipto começa a se impor como opção em Uberaba, região antes predominada por pastagens, grãos e lavoura

FOTOS DE L. ADOLFO/AE

Entre clones. Oliveira plantou em junho 35 ha de eucaliptos, que estão com 2 m de altura

● **Praticidade**

AUGUSTO LANDIM DE MACEDO JÚNIOR
ZOOTECNISTA

"Quando preciso de dinheiro, vou lá e corto um pouco. Há dois anos, cortei 1 hectare de eucalipto, e recebi R$ 15 mil."